

A expansão do pensamento através do livro

Vivemos no século da aproximação espiritual e material dos povos. A telegrafia, a radiotelegrafia levam, em alguns segundos, aos recantos mais ignorados as mais extensas notícias. A rapidez dos transportes marítimos, terrestres e agora os aéreos, leva através dos continentes, em velocidades inconcebíveis para nossos avós, mercadorias e passageiros. A dificuldade da distância que tanto separava os povos na antiguidade, tornando raras e frouxas as suas relações, vai a caminho de uma solução cada vez mais perfeita. O indivíduo que, na nossa época, vive a milhares de léguas, em New-York ou Washington, quase respira o ambiente da Europa que lhe é transportado, pela radiotelegrafia em ondas invisíveis, pelos seculares transatlânticos e ultimamente pelos aviões e dirigíveis.

Está hoje o habitante da América mais próximo do habitante de Calcutá, do que há cem anos o de Faro do de Caminhão ou Ponte do Lima. É certo que, por conveniência da classe capitalista, à rapidez e espontaneidade das relações entre os povos ainda se opõe a barreira das fronteiras. Mas o progresso científico ri-se das velhas teorias dos homens, e os aviões e as ondas hertzianas passam por cima das barreiras mais altas envolvendo o globo num grande abraço fraterno.

Assim, como antigamente, os povos fixavam na pedra o seu génio artístico e o seu pensamento mais elevado, as suas emoções estéticas e os seus anseios de perfeição, hoje, época da imprensa, o livro substitui a pedra e sobreleva-a em vantagens, porque, leve e portátil, voo de continente em continente, como ave luminosa riscando o horizonte negro da ignorância. Pelo livro, pela

sua produção literária e científica, se conhece o estado de adiantamento dos povos, como na antiguidade se conhecia pela beleza monumental dos seus templos ou das suas muralhas. Quanto mais fácil for o transporte do livro, tanto mais probabilidades um povo tem de mostrar aos outros povos o que vale pela sua mentalidade, pelo seu espírito, e tanto mais probabilidades tem de conhecer a mentalidade dos outros e aprender com ela e tornar-se mais culto, mais civilizado.

Assim como um país não pode viver sem os transportes que lhe trazem os alimentos que não produz e leva para onde há falta os produtos que tem a mais, também o seu espírito não pode alimentar-se sem receber a influência do espírito exótico.

Ora, em Portugal, a pesar das boas teorias apreçadas no Congresso de Estocolmo pelo delegado português, o facto lamentável é que o transporte de livros, jornais e revistas para o estrangeiro, para o Brasil principalmente, onde encontramos tantas afinidades, continua a ser um peso incompatível com os nossos recursos económicos. As taxas postais são caríssimas. Se bem que o livro e o jornal devam gozar do privilégio de ser transportados gratuitamente, parece-nos, entretanto, que a redução das taxas para um terço do seu custo, pelo menos, longe de ser um favor que nós tivéssemos de agradecer, é um direito que, em nome da solidariedade universal e da livre expansão do pensamento, nobremente reclamamos.

Não podemos permanecer, como até aqui, no mais atroz isolamento do resto do mundo, sem que contra esse facto nos rebelamos.

Notas & Comentários

Dia santo

Novidades andam ontem radiante, tão radiante que nos mostram duas linotipes que tem lá em casa, como se os maquinismos não fossem invenções do demónio. O órgão da «boa imprensa», impresso em caracteres que foram outrora durante excomulgados por ministros de Deus, completava ontem três anos. Esse o motivo da alegria de Novidades — e também o pretexto para que nós, desajudados de todos os santos e sempre reverentes para com todas as boas almas de Salazar, cumprimentemos o colega católico, embora a nossa salvação não venha a figurar em primeira plana...

Radiotelegrafia

Lisboa ficou desde ontem ligada directamente a Londres, pela radiotelegrafia. É este um facto que merece um registo especial no noticiário dos jornais, não só pela importância que para a sua informação tem, como pelo desenvolvimento que ele vem dar às relações internacionais.

A guerra civil na China

XANGAI, 15.—Agravava-se dia a dia a situação de Xangai, em consequência do avanço das tropas de Cantão, cujas vanguardas estão já a 12 milhas da capital da província de Chakiang, Hangzhou, o terminus do caminho de ferro de Xangai. (L.)

Encontrou-se a escritora inglesa

Agatha Christie

LONDRES, 15.—Foi já encontrada a escritora Agatha Christie. Estava em Haragote, no condado de York.

O dono do hotel em que se alojava, vendo nos jornais o retrato da desaparecida, preveniu a polícia, junto da qual a identificação foi feita pelo coronel Christie.

Parece provado que a esposa do coronel sofre de amnesia, Agatha Christie regressou ao seu lar. (L.)

QUESTÕES HOSPITALARES

Nos concursos para os lugares de enfermeiros de 1.ª classe, de sub-chefes e chefes de enfermeiros registaram-se graves anomalias que comprometem a Escola Profissional de Enfermagem

A Escola Profissional de Enfermagem é uma instituição credora do respeito e admiração dos que se interessam pelos problemas pedagógicos. Criada por Curry Cabral, quando este distinto médico foi enfermeiro-mór do hospital de S. José, tem esta escola formado o admirável corpo de enfermeiros que nos hospitais faz serviço.

Antes da fundação deste modelo de instituição de educação profissional, o enfermeiro não reunia aquela cabedal de conhecimentos técnicos, nem aquelas noções elementares que hoje um simples praticante já possui.

O enfermeiro nesse tempo era recrutado de entre o pessoal menor, e só ao cabo de longa prática conseguia ser um verdadeiro auxiliar do médico e um autêntico assistente do enfermo.

Depois da fundação da escola de Enfermagem o caso mudou de aspecto. A nomeação do pessoal definitivo dos quadros dos hospitais civis de Lisboa só se faz quando o candidato apresente diplomas passados pela Escola em que se atesta as suas habilitações.

O curso da Escola de Enfermagem é de três anos: dois considerados de curso geral e um de curso complementar. O curso geral habilita à entrada no quadro de enfermagem, e o curso complementar é exigido para efeitos de nomeação de enfermeiro-chefe.

Completado este curso o candidato fica com direito a ingressar nos quadros. Mas — há sempre, em todos os casos, um mas — o pessoal hospitalar é constituído por pessoal definitivo e temporário, e só é considerado definitivo quando for promovido a enfermeiro de 2.ª classe ou postos superiores. Enquanto não atingir essa carreira hierárquica é considerado pessoal temporário e a sua categoria é de praticantes no período escolar e no post-escolar.

Porém as promoções a enfermeiro de 1.ª classe, a enfermeiro sub-chefe ou a enfermeiro-chefe são feitas metade por antiguidade, e metade por concurso de provas práticas, prestadas na Escola de Enfermagem, tendo-se em conta, além do valor destas, os serviços prestados, idoneidade moral e as habilitações especiais de cada um. O júri do concurso, reza o decreto n.º 4.563 de 9 de Julho de 1918, da autoria do dr. Lobo Alves, que é válido por um ano, é constituído pelo director da Escola Profissional de Enfermagem e dois clínicos, um de cirurgia e outro de medicina, nomeados pela direcção dos Hospitais Civis de Lisboa.

Ora é destes concursos, realizados há dias, que temos hoje que falar, sem irritações nem parti-pris. É da forma como eles decorreram que nos temos de ocupar, indo ao encontro do desejo manifestado por alguns concorrentes — classificados e desclassificados — e de várias pessoas conhecedoras do caso que nos procuraram.

Os concursos, hamos de confessá-lo, são necessários. Quanto maiores forem as habilitações de um enfermeiro, tanto melhor para os doentes que vão parar aos hospitais civis.

Mas segundo as informações que colhemos, cuja autenticidade não é garantida, verificaram-se graves anomalias nesses concursos e da parte dos ilustres professores da escola não houve a devida isenção. Oxalá que assim não fosse, para não termos que referir-nos a um facto que não lustra a escola nem os seus distintos professores, no número dos quais se encontra um com quem o autor destas linhas mantém as mais cordiais relações de amizade.

A confiar nos nossos informadores nos concursos constatará-se estas incongruências: Cheque moral na Escola Profissional de Enfermagem; apuramento de valores morais e não de valores técnicos; vantagens pessoais sobre alguns dos concorrentes.

Dividamos, para explicar, em três capítulos o assunto. Principiemos pelo cheque na escola.

Aos lugares de enfermeiros de 1.ª classe, sub-chefes e chefes concorreram alguns alunos da Escola de Enfermagem, que obtiveram nos cursos 16 valores, ou a classificação de distintos.

Os seus professores, dois dos quais fizeram parte dos concursos agora realizados, consideraram-nos excelentes alunos. Por isso não tiveram dúvidas em classificá-los com distinção. E nesses cursos, como atrás dissemos, o candidato habilitou-se ao lugar de enfermeiro-chefe porque tirou o curso complementar.

Estando desde essa data até à presente sempre em exercício, e obtendo, por esse facto, maiores conhecimentos práticos da enfermagem, como se explica que agora alguns concorrentes aos lugares de enfermeiros de 1.ª classe fossem desclassificados? De duas uma: ou o diploma da escola não atesta a competência do aluno, visto que ele não prova estar habilitado para o lugar de enfermeiro-chefe, ou os concursos de agora são demasiado exigentes para os candidatos! E' dizer: os concursos que acabam de realizar-se exigem do concorrente maior competência de que aquela que a escola lhe proporciona.

Há até um caso: Um enfermeiro de 2.ª classe, com 16 valores dados pela escola no curso complementar, concorreu agora para o lugar de enfermeiro de 1.ª classe. Este rapaz tem prestado, com o aplauso dos seus superiores, serviço de sub-chefe na enfermaria a que pertence. A escola se o distinguia e porque lhe encontrou valor. Pois este elemento, nos actuais concursos, foi desclassificado! Porquê? Não nos compete a nós responder.

Ora, para não se chegar a esta incongruência parece-nos que haveria uma forma: os concorrentes serem classificados pela ordem natural de valores. Não existir esse estúpido princípio das exclusões, visto ele negar à Escola valor pedagógico.

No capítulo apuramento de valores morais e não técnicos encontramos o seguinte: nos concursos foram desclassificados os concorrentes que tivessem cometido faltas disciplinares dentro dos hospitais. Só quem não conhece a mecânica da vida hospitalar pode crer no comportamento de um enfermeiro.

Conhecemos alguns deles, de irrepreensível linha de conduta moral, que têm na sua folha de serviços leves castigos que, todavia, lhes alienam o direito aos concursos a que nos referimos.

Entendemos, por isso, que se os concursos eram para apurar valores técnicos nada justificava a idoneidade moral do concorrente. Para isso lá está o regulamento disciplinar dos hospitais.

Em última análise temos as vantagens pessoais sobre alguns dos concorrentes. Custa-nos a acreditar nelas. Mas alguns dos classificados nos concursos garantiram-nos que elas existiram.

E' lamentável que assim tivesse sucedido. A Escola Profissional de Enfermagem tem um passado brilhante. Da sua função pedagógica falam bem eloquentemente as provas espalhadas pelas enfermarias de Lisboa.

Pena é, pois, que esse passado não fosse respeitado e nós tivéssemos que fazer as referências que acabam de ler-se.

Contra uma odiosa extradição

PARIS, 15.—Na reunião do Grande Oriente contra a entrega eventual de três libertários espanhóis à Argentina, os oradores Brunet, vice-presidente da Câmara, Uhry e Sebastião Faure, esforçaram-se por demonstrar a inocência dos três acusados. A assistência, composta sobretudo por operários, protestou contra a extradição, e resolveu pedir ao ministro da Justiça, sr. Barthou, a revisão dos «dossiers» e a libertação dos acusados. (H.)

A Turquia na Sociedade das Nações

ANGORA, 15.—Os representantes turcos em Roma, Londres, Sofia, etc., receberam instruções para conferenciarem com os seus respectivos ministros dos negócios estrangeiros acerca das relações turco-italianas e da possível entrada da Turquia na Sociedade das Nações. (L.)

Viagem interrompida

LAS PALMAS, 15.—Os aviadores espanhóis que iniciaram a viagem à Guiné acham-se retidos neste porto em consequência do mau tempo. (L.)

Linguagem "double-sens"

LONDRES, 15.—Lord Cecil, falando na União para a Sociedade das Nações, afirmou ter chegado o momento em que o problema do limite dos armamentos deve ser decididamente atacado. (L.)

A VENDA A 10.ª SÉRIE

de "Os Mistérios do Povo"

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

ATRAVÉZ DE AFRICA

A caminho dos grandes planaltos

Observa-se como os europeus enriquecem com a agricultura dos indígenas e sabe-se do preço de cem libras por um par de cornos

O comboio prossegue a marcha, agora através duma enorme planície, região de muita poeira, chamada a anghara do «Bul-Bul», começando então a ver-se milhos e trigo nos subúrbios do Bié — outra povoação importante que hoje se chama Silva Porto, em homenagem ao sertanejo que aqui se suicidou em 1890, e que tem uma pequena e gloriosa história, com aspectos inéditos, que, mais a propósito, devo contar.

Chegamos à noite a Camacupa, onde é o término da linha em exploração, embora a construção já vá adiantada para além Quanza, e aqui termina o percurso em caminho de ferro, qualquer coisa como um passeio de 702 quilómetros. Era domingo, a povoação quedava-se em sossego, unicamente alumada pelos enormes relâmpagos que zigzagueavam sobre a planície após o jantar, tombado de fadiga, adormeci ao som dos estrondosos batiques que soavam das bandas de Samba e Imbande.

Dois dias em Camacupa aguardando o automóvel que me levará até às terras da Lunda e Moçico. Esta povoação de Camacupa é pequena e recente, rapidamente formada pela passagem do caminho de ferro e quase exclusivamente sustentada por um rudimentar agricultura indígena — um pouco de milho das lavras vizinhas, alguma cereja que vem de longe, do interior das guerras, e tudo isto movimentado pelo pequeno comércio europeu, e estimulado pela presença das autoridades e funcionalismo.

Não há nem se procuram aqui distrações, pesa sobre a povoação aquele silêncio triste e desolador de algumas aldeias alentejanas, e eu passaria aqui horas de cruel aborrecimento se não me entretivesse a observar alguns aspectos da paisagem, constantemente animada pela chegada de grandes filas de carregadores negros, cheirando a mató, semi-nus, apenas cobertos de peles bravas, toda uma estrutura selvagem e primitiva, agarrados às suas varas, trapos, bugigangas e cabacas, formando pequenos arraiais, deitados no chão em frente às lojas onde acampam para a permuta, elas e eles de corpos tatuados, estranhos penteados às riscas, besuntados de óleos, barros gordurosos e matérias vermelhas, mostrando pelo branco um misto de adoração, desconfiança e terror.

E' este gentio, de aspecto pitoresco e miserável, quem sustenta o comércio com a mercadoria que lhe traz para venda ou permuta; quem anima as receitas do Estado com imposto indígena que quase sempre paga pontualmente; quem torna possível o míngua fomento europeu fornecendo a mão de obra para a abertura das estradas, para o labor das grandes pequenas empresas e serventia dos particulares.

Mas não seria possível a florescência das grandes tentativas agrícolas nestas várzeas enormes onde pouco mais vejo do que searas de capim?

Que sim — dizem-me várias pessoas que se têm feito experiências animadoras, pequenas searas de trigo que têm dado média de 10 a 15 sementes, e em certas circunstâncias, nalgumas regiões do planalto, 20, 30 e mais. Mas tudo isso muito contingente, muito irregular, exigindo tal soma de sacrifícios e dinheiro que tornam impossível a pequena agricultura. O dr. Pigarra, médico que aqui exerce a sua profissão com grande probidade, alentejano com costela de lavrador, só vê solução nas grandes alaias, na maquinaria moderna e na constituição dos sindicatos com o crédito agrícola respectivo. Mas serão possíveis esses sindicatos??

Passam os dois dias, e uma bela manhã chega o carro que me transporta numa vel-

locidade de 70 quilómetros por estas magníficas estradas do sertão.

O carro não anda voo; e as árvores, as florestas derrubadas, os quimbos dos pretos, tudo corre sob os meus olhos numa maravilhosa sensação de film. Uma hora e tal de jornada, e nesta altura pequena terra, o carro entra-se, e enquanto vinte negros possantes acodem do mató, sigo a um sítio pitoresco onde pulam bandos de macacos, e há bonitos milheirais ao redor dos quimbos. O sítio é populoso, não cessam de passar carregadores negros, em fila indiana, de varas sobre os ombros a sustentar a carga, saldando humildemente o branco; e pelas portas das suas tocas moradas, mulheres e rapazes acoram-se em redor das brazas, fumando, em sociedade, por enorme cachimbo feito de cabaça, chamado mutopa.

Outra vez o automóvel, outra vez a velocidade agora de 80 quilómetros à hora, mais palhotas é lamas, mais capim, mais pequenas florestas de ubala, junque, uca e capringu, e quase dum salto estamos nas lindas margens do alto Quanza, rio que atravessamos de jangada, com automóvel e companheiros, abandonando aqui o distrito do Bié.

No outro lado da margem, onde se ergue o pósto Neves Ferreira, começam as terras do Moçico, e aqui nos aguarda o governador deste distrito, António de Almeida, com o chefe do pósto sr. Lopes Chaves, a quem ficamos devendo cativante acolhimento.

São famosas estas terras de além-Quanza, pelas disputas que em tempos idos aqui tiveram as diversas tribus indígenas entre si, e com os portugueses até que estes asseguraram a ocupação; e não menos célebres para os caçadores de animais raros, sendo esta uma das poucas regiões, em todo o mundo, onde existe certo tipo de palanca negra, antilope raro que chama a estes lugares famosos caçadores da Alemanha, América e Inglaterra. Tão apreciada a «palanca negra» que as suas cabeças, desde que as hastas atinjam certa medida, valem uma pequena fortuna; eu mesmo vi no pósto Neves Ferreira uma dessas cabeças apreendida a certo alemão que caçava sem licença, cabeça magnífica com um par de cornos perfeitos que pareciam formados em chumbo, ca prichosamente, e pela qual, mais tarde, um rico turista inglês, baldadamente, ofereceu cem libras.

Mas não há tempo a perder porque ainda temos de fazer algumas centenas de quilómetros até ao nosso destino. Cumprimentos; uns copos de cerveja fresca; e toca pela imensa anghara do Quanza, descampado enorme e alagadizo, com pequenos muscitos verdejantes muito ao largo alegrando o horizonte onde, de vez em quando, passam uns velhos caminhos carreteiros, arrastando-se, vagarosamente, como bichos de conta, os primitivos carros boers, entre estalos de chicote e rangedeiras de ferragens e madeiras, puxados por vinte bois bravos.

A's primeiras horas da tarde chegamos à Chindimba pequeno povoado sertanejo onde nos aguardava o almôço e a franca amabilidade do capitão Aleixo, figura curiosa de velho colono e bom português a quem pretos e brancos estimam.

Chindimba é uma palavra que quer significar «terra de leão»; e como aqui passamos um dia e uma noite, interrompemos agora a narrativa para na crónica seguinte termos que contar.

Juliano QUINTINHA

Lêde o Suplemento de A BATALHA

O ESCANDALO DO "SECULO"

Na Associação Comercial exibiram-se ontem

novos números com novos artistas que puzeram a nu as vergonhosas manobras dos seus competidores

A decepção dos espectadores — Os fins do espectáculo — Dois artistas que valem por toda a Companhia — Um número aplaudido por uma singular sinfonia de bocejos e pigarreio...

Não teve o interesse que se esperava o espectáculo de ontem na Associação Comercial. Pereira da Rosa concluiu a exibição dos seus acrobáticos números. No decorrer do espectáculo inscreveram-se 18 artistas, tudo fazendo prever, por essa razão, que a noite de ontem fosse em cheio.

Mas não. O espectáculo vai perdendo de interesse. O chefe dos três equilibristas ainda na bamba corda. E equilibrar-se há por algum tempo, visto os seus contraditórios não serem tão atrevidos como ele.

Não é outra a razão. Qualquer das partes litigantes não possui autoridade moral para acusar. Todas prevaricaram, todas procederam como vulgares ladrões, com a diferença apenas de quem rouba um pão é preso e quem rouba uma população tem honrarias.

O trio acrobático representa os desejos dos acionistas do Sécuro, que cometeram a Pereira da Rosa, Moisés Amzalak e Carlos de Oliveira o encargo de os defenderem. Em torno deste trio, quais satélites de um grande planeta, gravitam Alfredo Ferreira, o coxinho Roque da Fonseca, cuja história ainda um dia havemos de contar, e outros cavaleiros do grande comércio e do grande roubo.

Há um outro grupo de artistas, representado por Levy Marques da Costa, que combate Pereira da Rosa, não porque ele seja o chefe, mas tão somente por ele não fazer

o jogo dos açucareiros para, é claro, poder fazer outro jogo mais escandaloso.

Se não houvesse o combate à pretensão dos reis do açúcar não haveria o ataque a Pereira da Rosa.

Depois o outro grupo, chefiado por Carlos Ramires Reis, defende a Moagem, defende o roubo que de há muitos anos a população é vítima.

Síntese trágica: três quadrilhas de ladrões degladiando-se pela posse do melhor quinhão roubado.

Um Jolly leviano...

Do espectáculo de ontem não se saía com outra conclusão, aliás, já prevista por nós. Quando ralharm as comadres as verdades vêm à epiderme!

Mas vamos ao desempenho da Companhia.

A's 21.30 horas nota-se que a assistência deve ser menos numerosa do que nos dias anteriores. Pereira da Rosa, rodeado de seus págens, sorri, blagueia com os seus amigos. Consta na vitória.

Sabe que ninguém o correrá do Sécuro. Todavia vai chalaceando com os circunstantes:

— Vocês não deixam bater-me... Jura... São 21.45 horas. O maestro Carlos de Oliveira, saca da batuta e, num gesto largo, faz ouvir a sacramental frase:

Há por aí algum benemérito que, por esmola, queira dar ao Banco de Portugal a indemnização que nem Waterlow, nem Marang lhe pagam?

A imprensa que tanta asneira disse sobre o julgamento de Marang, antes de lhe conhecer o resultado, calou-se subitamente logo que teve conhecimento daquela sentença que equivale a uma quase retumbante absolvição. Condenado por negligência — não lembraria ao demónio. Se os dirigentes do Banco de Portugal fossem condenados pela justiça holandesa que pena sofreriam?... Mas o caso é que a imprensa portuguesa, principalmente aquela que vem pugnando... desinteressadamente pela «honorabilidade indiscutível» dos Inocências, nunca mais disse uma palavra. Parece que não tem conveniência em mostrar bem ao público a justiça que assistia a essa pobre vítima que é o Banco emissor...

Este, coitadinho, principiou por ser vítima de um plano maquiavélico urdido na Rússia por bolxevistas ferozes (Vide São Alves Ferreira). Depois tinha sido roubado por uma quadrilha internacional que desejava empalmar Angola (Vide o mesmo santo e outros santos da corte financeira). A dada altura era vítima do desejo de Waterlow (Vide São Inocência e seus discípulos). Ultimamente era Marang, o profanador dos segredos do Banco (Vide São Argus).

Ralou-se até que os dirigentes do Banco de Portugal iriam processar a casa Waterlow e exigir-lhe uma indemnização de estarteer. Mas a seguir a esta afirmação fez-se um silêncio solene que só veio a ser interrompido com outra notícia não menos estrarrecadora: Marang, esse é que havia de pagar as fayas, esse é que devia dar larga a indemnização de que o Banco de Portugal estava precisado.

E até daqui de Lisboa, a justiça, que tão desdenhosa tem sido para aquele Banco, chegou a pedir à justiça holandesa que fosse arrolando os bens do patife, porque mesmo antes do julgamento já se sabia que ele havia de ser condenado por moedero falso e, portanto, de indemnizar os Inocências das perdas e danos — do negócio da emissão secreta.

Os holandeses, porém, mais prudentes, não quiseram, sem que previamente o tribunal tivesse apurado o que se conveniencionou ser a verdade, aliar-se aos bens, factos a que parece, do sr. Marang, amigo do presidente da república portuguesa, decorado por este, diplomata da Libéria e muitas cousas mais. Não lhe tocou nos bens e não andou mal, segundo atestam os factos, porque a esta hora, em face da insignificância da sentença, seria Marang que teria de ser indemnizado pelo Estado holandês. Inverter-se-iam os papéis.

Mas os Argus do Banco de Portugal a pesar de cegos têm muitos olhos. São de Olhão. E não sabem onde ir buscar receita para saldar as despesas deste negócio que tem saído caro como os diabos. Felizmente, que a justiça portuguesa — infinitamente mais hábil do que a holandesa, porque vê à distância — sabedora de antemão que Alves Reis, Bandeira & C.ª, há de ser condenado, arrolou-lhes prévia e precipitadamente os bens na intenção piedosa de com eles, certamente, pagar ao Banco de Portugal a descida indemnização.

Mas admitamos (perante a sentença de

Marang todas as hipóteses são admissíveis) que Reis, Bandeira e companheiros, serão absolvidos; saem da cadeia, condenados por negligência, condenados por não terem tido os cuidados devidos (todas as cautelas são poucas...) ao manterem relações de negócios com o Banco de Portugal, admitamos essa hipótese: como se conduziria a justiça no que respecta ao arrolamento prévio e ao desbarato que fez, que está fazendo com a avidez dos corvos que tombam grasnando sobre um cadáver? Dará esse dinheiro, esses bens aos sem-trabalho? Restitui-los há aí aos actuais presos? Entregá-los há ao Pereira da Rosa pelos brilhantes serviços prestados ao país? Ou vai metê-los nos cofres desfalcados do Banco de Portugal?

Os horrores do capitalismo

PARIS, 15.—A guerra de Marrocos custou à França 1.157 milhões de francos e 6.000 mortos e feridos. (L.)

Um abalo sísmico

BATAVIA, 15.—Um violento abalo sísmico fez sentir os seus efeitos em Tegei, destruindo vários edifícios. (L.)

Muito cordeais...

LONDRES, 15.—O sr. Chamberlain declarou ontem num banquete que lhe foi oferecido, não ter trazido o alargamento do conselho da S. D. N. as perturbações esperadas em certos círculos.

O orador frisou o tom de cordialidade com que têm decorrido as sessões de cordialidade cada vez mais firme. (L.)

Não há meio...

LONDRES, 15.—Segundo comunicação da China terminaram sem resultado as negociações anglo-cantonenses. (L.)

A diplomacia russa

BERLIM, 15.—Segundo os jornais o sr. Kopp, embaixador soviético em Tóquio, será nomeado para Londres e o sr. Kameineff para Roma. (L.)

Os marítimos ingleses

LONDRES, 15.—A união nacional dos marítimos deliberou ontem não aderir a qualquer organização política. (L.)

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.518, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço, avulso de 31\$. Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade há de há um abateimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Deitados a administração de A BATALHA

MARCO POSTAL

Odeceixe. — J. Fernandes. — Recebemos carta e 7550 para a assinatura de J. Pacheco Pereira, tendo a mesma ficado paga até 7 de Janeiro, p. f., visto a mesma ter começado — como pede — em 8 do corrente. Seguramos os jornais desde esta data.

Santa Clara — Velha. — M. Nobre. — Recebemos 22550. Pagou a assinatura desde 8 do corrente até 7 de Março, p. f.

Cano. — Jerônimo Maria Richau. — Recebemos vale de 9550. Julgamos ser da assinatura da Ass. dos Rurais dessa localidade e referente ao corrente mês. Diga-nos se é assim. Também recebemos um ofício da mesma Associação e sobre o mesmo assunto.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95500
Madrid cheque		3901
Paris, cheque		579
Suiza, cheque		578,5
Bruxelas cheque		2374
New-York		19560
Amsterdão		7584
Itália, cheque		388
Brasil		2335
Praga		558,5
Suécia, cheque		5524
Austria, cheque		2377
Berlim		4567

TEATROS

São Carlos. — A's 21. — *Rigoleto*.
Nacional. — A's 21. — *O homem e os seus fantasmas*.
São Luís. — A's 21. — *O Príncipe Orloff*.
Ginásio. — A's 21,30. — *A Petisa do Galo*.
Trindade. — A's 21. — *O Marquês de Villemor*.
Politeama. — A's 21. — *O Inimigo*.
Apolo. — A's 20,30 e 22,30. — *A Mouraria*.
Eden. — A's 20,45 e 22,45. — *Casas de Mouraria*.
Maria Vitória. — A's 21,30 e 22,30. — *Tarifa I*.
Variedades. — A's 20,30 e 22,30. — *O Pinto Calçado*.
Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo.
Salão Foz. — A's 15 e às 20,30. — Variedades.
Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — *Olimpia*. — "Matinées" e "soirées". — *Salão Central*. — Praça dos Restauradores. — *Chico Terras*. — Rua António Maria Cardoso. — *Cinema Condes*. — Avenida da Liberdade. — *Pathe Cinema*. — Rua Francisco Sanches. — *Salão Ideal*. — Rua do Loreto. — *Eden Cinema*. — Rua do Alentejo (Alcântara). — *Cine Paris*. — Rua Ferreira Borges. — *Alhambra*. — Parque Mayer (Variedades). — *Salão Lisboa*. — (Mouraria). — *Cine-Esperança*. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30. — *animatógrafo*. — *Salão da Promotora*. — A's 20 horas.

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prêmios maiores .. 4.000.000\$00
1.200.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadragésimos a 275\$00, cauteias a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.
116, RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

LA NOVELA IDEAL
Acaba de chegar o n.º 33 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos a administração de A. Batalha.

LA NOVELA SOCIAL
LA LOCA VIDA
E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98
TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 8 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Villar — 10 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.
Pele e sífilis — Dr. Correia Piqueiro — 11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Doenças das mulheres — Dr. Emilio Palma — 2 horas.
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Romão — 3 horas.
Dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Neuro — Dr. Almeida — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Sociedade "Estoril"

Caminho de Ferro de Cais do Sodré a Cascais

LEILÃO

Em 20 do corrente, às 12 horas, por intermédio do agente Júlio Cruz, na estação de Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 114 da Tarifa Geral, proceder-se-á à venda em hasta pública, de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados. Avisam-se, portanto, os respectivos consignatários de que poderão ainda retirar as pagando o seu devido à Sociedade "Estoril", para o que deverão dirigir-se à Secretaria, na sua sede, Praça Duque da Terceira, 24, 1.º, todos os dias úteis, até ao dia 18 do corrente.

Lisboa, 11 de Dezembro de 1926. — O engenheiro-director, M. Belo.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-B, 2.º

NAO SOFRAM MAIS!



— Usem HERPETOL para as —

doenças da pele (—)
Umhas gotas deste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a coceira. O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CRUSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDERURAS DE INSETOS. Instantes depois da aplicação, o doente sente um repouso e alívio de restabelecimento. A CURA É CERTA, em muitos casos uma fricção e o suficiente para uma cura. Se sócio, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:
LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSUAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL
Companhia de Seguros
Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

IMPORTANTE:
Mediante um ligeiro sub-prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudo, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, — na antiga e acreditada casa da Rua António Pedro, 52.

PELES!!!
A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA
3 — Rua da Palma — 3-A
Barreiros & Jesus
TELEF. 11. 5691

Mensuração
Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.
Envia-se pelo correio à cobrança.
FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 15 e 15 LISBOA

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 350\$.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 650\$.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 650\$.
A venda nas livrarias e na administração de A. Batalha.
Depósito: "Livraria Renascença", rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

Edições de A SEMENTEIRA
Práticas neo-maltusianas, 550\$
O sentido em que somos anarquistas, 550\$
A peste religiosa, 550\$
A Liberdade, 550\$
A Internacional (música e letra), 550\$
Pedidos a A BATALHA ou no Cais do Sodré, 8.º

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresento este anúncio, desconto 5 %.

ISQUEIROS
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:
FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»
Esta publicação em língua espanhola que encontra à venda na nossa administração, é um relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 180\$ pelo correio, registado, 185\$.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Espartaco;
- 3.º — Abolición de la esclavitud;
- 4.º — Apogeo y servidumbre;
- 5.º — La revolución de los siervos;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad ilustrada;
- 11.º — La agonía del absolutismo;
- 12.º — El trabajo motor universal;
- 13.º — El imperio de la guillotina;
- 14.º — Las lutas sociales y la revolución francesa;
- 15.º — Los primeros tiempos del salario;
- 16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
- 17.º — Las crueldades de la burguesía republicana;
- 18.º — Los héroes de la Comuna;
- 19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
- 20.º — La República Española y la clase obrera;
- 21.º — La Primera Internacional;
- 22.º — El socialismo ante el Parlamento español;
- 23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;
- 24.º — Pi y Suñer confunde a los enemigos del socialismo;
- 25.º — Los precursores del Proletariado moderno;
- 26.º — Crueldades burguesas;
- 27.º — Los míseros de Chicago;
- 28.º — Muerte heroica de cinco proletarios;
- 29.º — El proletariado en América;
- 30.º — Los dictadores mexicanos;

Por Rodolfo Rocker, fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 150\$.

Pedidos à administração de A. Batalha.

A Revolução Social e o Sindicalismo
Por Arkinkoi. Preço 150\$.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 422 páginas, 45\$00.
Encadernação (por capas e índice) 20\$00.
Capas e índice em separado, 15\$00.
Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A. Batalha.

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO		Jorge Teixeira. — Gatunos de Luvi Branca — A Escamalha (peças de teatro)
Abel Botelho — Amanhã.....	16\$00	2550
Alexandre Heróulano.....	18\$00	8800
Lendas e Narrativas (2 volumes).....	18\$00	8800
Cartas (2 volumes).....	18\$00	8800
História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols).....	27\$00	5500
Adolfo Lima.....	10\$00	10800
Contrato do Trabalho.....	10\$00	10800
Educação e ensino.....	5\$00	10800
O ensino da história.....	1\$50	10800
Aquilino Ribeiro.....	3\$00	10800
Anatole France.....	3\$00	10800
Estrada de São Tiago.....	10\$00	10800
Jardim das Tormentas.....	10\$00	10800
Via Sinuosa.....	10\$00	10800
As Filhas da Babilónia.....	10\$00	10800
Terras do Demo.....	10\$00	10800
Augusto Machado — Impossível re- denção (novela).....	2\$25	10800
Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados).....	10\$00	10800
Bente Faria — Missa nova (teatro em verso).....	2\$00	10800
Binet-Sanglé — A loucura de Jesus.....	4\$00	10800
Buckner — O homem segundo a ciência.....	12\$00	10800
Charles Darwin — Origem das espe- cies.....	14\$00	10800
Campos Lima.....	12\$00	10800
O Estado e a evolução do Direito.....	5\$00	10800
O Amor e a Vida.....	2\$00	10800
Celu dos Pobres.....	2\$00	10800
A Revolução em Portugal.....	6\$00	10800
Cristiano Lima — A escola de Nun'Al- vares (novela).....	2\$25	10800
Duarte Lopes — Frei Sangué.....	5\$00	10800
Ega de Queiroz.....	18\$00	10800
O crime do Padre Amaro.....	15\$00	10800
O primo Basílio.....	8\$00	10800
O Mandarim.....	8\$00	10800
Os Maíns (2 vols).....	28\$00	10800
A Reliquia.....	15\$00	10800
A Cidade e as Serras.....	12\$00	10800
Fradique Mendes.....	9\$00	10800
Casas Ramires.....	15\$00	10800
Prosas Bárbaras.....	10\$00	10800
Ecos de Paris.....	9\$00	10800
Cartas Familiares.....	9\$00	10800
Cartas de Inglaterra.....	9\$00	10800
Minas de Salomão.....	9\$00	10800
Notas Contemporâneas.....	15\$00	10800
Ultimas páginas.....	15\$00	10800
Contos.....	15\$00	10800
Ernesto Haeckel.....	20\$00	10800
História da Criação.....	5\$00	10800
Origem do Homem.....	14\$00	10800
Os enigmas do Universo.....	4\$00	10800
Monismo.....	4\$00	10800
Religião e evolução.....	6\$00	10800
As maravilhas da vida.....	14\$00	10800
Faguet — Iniciação filosófica.....	5\$00	10800
Iniciação literária.....	10\$00	10800
Faria de Vasconcelos.....	5\$00	10800
Problemas escolares.....	5\$00	10800
Por terras de além mar.....	5\$00	10800
Ferreira de Castro.....	2\$50	10800
Sangue Negro.....	8\$00	10800
Sendes de Lirismo e de Amor.....	8\$00	10800
A Peregrina do Mundo Novo.....	6\$00	10800
Castro e E. Frias — A Boca da Es- cava.....	8\$00	10800
Flammarion.....	5\$00	10800
Iniciação astronómica.....	5\$00	10800
Contos de luar.....	5\$00	10800
Como acabará o mundo?.....	7\$00	10800
Os habitantes dos outros mundos.....	4\$00	10800
Felix de Bante, — As influências an- cestrais.....	10\$00	10800
Fialho de Almeida.....	10\$00	10800
Estâncias de Arte e Saúde.....	9\$00	10800
Figuras de destaque.....	9\$00	10800
Actores e Autores.....	9\$00	10800
Contos.....	9\$00	10800
A Esquina.....	9\$00	10800
Aves Migradoras.....	9\$00	10800
Barbeiro, Penteiro.....	9\$00	10800
Cidade do Vício.....	9\$00	10800
Paquidinhas.....	10\$00	10800
Paixões de Uvas.....	9\$00	10800
Sabam quantos.....	9\$00	10800
Vida errante.....	9\$00	10800
Vida íronica.....	9\$00	10800
Guerra Junqueira — A morte de D. João.....	10\$00	10800
Musa em férias.....	9\$00	10800
Os Simples.....	7\$00	10800
A velhice do Padre Eterno (En- cadernação de luxo).....	14\$00	10800
Brocardo.....	10\$00	10800
Gorki — Os Degenerados.....	4\$00	10800
Os Vagabundos.....	4\$00	10800
Na Prisão.....	2\$50	10800
Ilsen — Espectros.....	4\$00	10800
Casa de bonecas.....	5\$00	10800
Jaquetin — História Universal, 2.º v. lume Cortezão — Adão e Eva (tea- tro).....	10\$00	10800
José Beney — A ciência redentora (novela).....	2\$25	10800
Jesus Pelxoto — O mestre geral (no- vela).....	2\$25	10800
Juliao Quintinha.....	8\$00	10800
Vishinhos do Mar.....	8\$00	10800
Caavalhada do Souho.....	8\$00	10800
Terras de Fogo.....	8\$00	10800
Dor victoriosa (novela).....	8\$00	10800
Laives — Iniciação matemática.....	8\$00	10800
Malvert — Sciência e Religião.....	10\$00	10800
Mário Domingues — Hugo, o pintor (Ouve).....	5\$25	10800
Anastacio José (idem).....	5\$25	10800
Manuel Ribeiro.....	5\$25	10800
Poder redentor (novela).....	5\$25	10800
Mirbeau — O Jardim dos Suplicios.....	4\$00	10800
Nogueira de Brito.....	15\$00	10800
1-Memorias de Angela Pinto Sangue Fidalgo (novela).....	5\$25	10800
Não, diz a Lei (novela).....	5\$25	10800
Pargame — Origem da vida.....	8\$00	10800
Oliveira Martins.....	15\$00	10800
Heleusimo e a Civilisação Crísti.....	15\$00	10800
História da Civilisação ibérica.....	15\$00	10800
História da República Romana (2 volumes).....	30\$00	10800
História de Portugal (2 vol).....	30\$00	10800
Reças Humanas (2 vol).....	30\$00	10800
O Brasil e as Colónias Portuguezas.....	15\$00	10800
Cartas Peninsulares.....	15\$00	10800
Sistema dos mitos e fizes religio- sas.....	15\$00	10800
Orlando Marçal.....	6\$00	10800
Agua clara.....	5\$00	10800
Imagens de Sonho.....	5\$00	10800
Raul Brandão.....	10\$00	10800
Os Pescadores.....	10\$00	10800
Os Pobres.....	10\$00	10800
O Teatro.....	8\$00	10800
Spencer-Da Educação (br. 5\$00) enc.....	8\$00	10800
Sobral de Campos — Dois tiros (no- vela).....	5\$25	10800
Tolstoi.....	4\$00	10800
A sonata de Krentzer.....	4\$00	10800
Una Karenine (3 vol).....	15\$00	10800
Toulessa — Como se deve educar o espirito.....	4\$00	10800
Wenceslao de Moraes.....	12\$50	10800
Dai-Nippon.....	12\$50	10800
Victor Hugo.....	10\$00	10800
França e Belgica.....	15\$00	10800
O Reno (2 v).....	15\$00	10800
Os Miseraveis (2 grossos vol) illus.....	40\$00	10800
Trados, encadernados.....	40\$00	10800
Zola.....	12\$00	10800
A Taberna.....	5\$00	10800
Tezera Raquin.....	5\$00	10800
Alegria de viver (2 vol).....	8\$00	10800
A conquista de Plassans, (2 vol).....	8\$00	10800
Fecondidade.....	20\$00	10800
A fortuna dos Rougons, (2 vol).....	8\$00	10800
Uma página de amor.....	9\$00	10800
Dr. Pascal.....	8\$00	10800
FOLHETOS		
Elsaeu Reclus — Anarquia e a Igreja.....	15\$00	10800
A Evolução legal e a anarquia.....	15\$00	10800
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	4\$50	10800
José Prat — A burguesia e o prolet- ariado.....	5\$50	10800
A necessidade da Associação.....	5\$50	10800
Content — Contra o confusionalismo.....	5\$50	10800
Alcindo Neves Dias, — Razão (poemo to social).....	5\$50	10800
Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.....	5\$50	10800
Landauer — Social Democracia.....	5\$50	10800
R. Mela — O principio do fim.....	5\$50	10800
A maçonaria e o proletariado.....	5\$50	10800
T. Most, — Peste religiosa.....	5\$50	10800
João P. do Rio.....	5\$50	10800
Definições sociais.....	5\$50	10800
Horas anarquistas (versos).....	5\$50	10800
Trovas da Noite.....	15\$00	10800
Roberto, o pescador.....	15\$00	10800
Marias do Parque de São João do Forte.....	15\$00	10800
— Carnet de Pensamento.....	12\$00	10800
J. Bakunina, O sentido em que so- mos anarquistas.....	5\$50	10800
Chusca, — Como ser anarquista.....	5\$50	10800
Lazare, — A Liberdade.....	5\$50	10800
B. Elviant, — A minha defesa.....	5\$50	10800
I. Kropotkine.....	5\$50	10800
Os bastiões da guerra.....	5\$50	10800
Moral anarquista.....	5\$50	10800
O espirito revolucionário.....	5\$50	10800
O estado e o seu papel histórico.....	1\$50	10800
J. Guedes, — Lei dos Salarios.....	5\$50	10800
Briand, — A greve geral.....	5\$50	10800
Reland, — Russia Nova.....	5\$50	10800
O socialismo e os intelectuaes.....	5\$50	10800
D. Carvalho, — A gestão sindical no periodo revolucionário.....	5\$50	10800
A. Hamon, — A crise do socialismo J. Santos, — A transformação da sociedade.....	5\$50	10800
Neno Vasco.....	5\$50	10800
Georgicas.....	5\$50	10800
Greve de inquilinos, teatro.....	1\$00	10800
— Proletariado Histórico.....	1\$00	10800
G. Archimof, — A Revolução so- cial e o Sindicalismo.....	5\$50	10800
Carlos Rates, — Aditua u do pro- letariado.....	1\$00	10800
Emilio Chapeller — Porque não creio em Deus.....	1\$00	10800
Rodolfo Rocker, — Osindicalismo revoluc. e a organização operária.....	1\$00	10800

Orlando Marçal..... 6\$00
Agua clara..... 1\$00
Imagens de Sôno..... 1\$00
Raul Brandão..... 10\$00
Os Pescadores..... 10\$00
Os Pobres..... 10\$00
O Teatro..... 10\$00
Spencer — Da Educação (br. \$500) em-
Sebra de Campos — Dois tiros (no-
vela)..... 2\$25
Tolstói — A sonata de Kreutzer..... 4\$00
Ana Karenine (3 vols)..... 15\$00
Toulouse — Como se deve educar o
espírito..... 4\$00
Wenceslau de Moraes..... 12\$50
Dai-Nippon..... 12\$50
França e Bélgica..... 10\$00
O Reno (2 v.)..... 15\$00
Os Miseráveis (2 grossos vols) ilus-
trados, encadernados..... 40\$00
Zola..... 12\$00
A Taberna..... 5\$00
Teresa Raquin..... 8\$00
Alegria de viver (2 vols)..... 8\$00
A conquista de Plassans, (2 vols)..... 20\$00
A fortuna dos Rougons, (2 vols)..... 8\$00
Uma página de amor..... 8\$00
Dr. Pascal..... 8\$00

FOLHETO
Enseu Reclus — Anarquia e a Igreja..... 1\$00
A Evolução legal e a anarquia..... 3\$00
Gençalves Correia — A Felicidade de
todos os seres na Sociedade
Futura..... 5\$00
José Prat — A burguesia e o prole-
tariado..... 5\$00
A necessidade da Associação..... 5\$00
Content — Contra o confucionismo..... 5\$00
Alfredo Mendes Dias — Razão (poema
social)..... 5\$00
Ernesto da Silva — Teatro livre..... 3\$00
Landauer — Social Democracia..... 3\$00
R. Mela — O princípio do fim..... 3\$00
A maçonaria e o proletariado..... 3\$00
J. Most — Peste religiosa..... 3\$00
João P. de Rio..... 3\$00
Definições sociais..... 3\$00
Horas anarquistas (versos)..... 3\$00
Trovas da Noite..... 1\$00
Roberto, o pescador..... 1\$00
Memórias do Parque de São João
do Forte..... 1\$00
Carnet de Pensamento..... 2\$00
J. Bakunine — O sentido em que so-
mos anarquistas..... 5\$00
Clusca — Como não ser anarquista..... 5\$00
Lazare — A Liberdade..... 5\$00
B. Elvirant — A minha defesa..... 5\$00
Kropotkin..... 3\$00
Os bastidores da guerra..... 3\$00
Morla anarquista..... 3\$00
O espírito revolucionário..... 3\$00
O estado e o seu papel histórico..... 3\$00
J. Guedes — Lei dos Salários..... 3\$00
Briand — A greve geral..... 3\$00
Reland — Rússia Nova..... 3\$00
O sindicalismo e os intelectuais..... 3\$00
D. Carvalho — A gestão sindical no
período revolucionário..... 3\$00
A. Hamon — A crise do socialismo..... 3\$00
J. Santos — A transformação da
sociedade..... 3\$00
Neno Vasco..... 3\$00
Georgicas..... 3\$00
Greve de inquilinos, teatro..... 1\$00
Proletariado Histórico..... 1\$00
G. Archinot — A Revolução so-
cial e o Sindicalismo..... 5\$00
Carlos Rates — Aditua a do prole-
tariado..... 1\$00
Emílio Chapelier — Porque não
creio em Deus..... 1\$00
Rodolfo Rocker — O sindicalismo
revolucionário e a organização operária..... 1\$00

Concluiu que aquela exclamação exprimia o espanto e o pavor que causou em Vitória a extraordinária pare-
cência de Oliveira com o sargento Mauricio. E essa
semelhança parece-me bem natural, pois descobri que
Oliveiros é irmão do sargento Mauricio.

— Isso é extraordinário; mas como o descobriste tu?

— Nós tivemos de trazer para aqui o pobre orfão,
desde que o atacou essa anemia que o tornou incapaz,
a pesar da sua coragem e boa vontade de trabalhar
na oficina; pois o pobre rapaz, minado por uma febre
violenta, acha-se em tal estado de fraqueza...

— O médico atribue essa doença ao excesso de
crescimento; com efeito, Oliveiros ainda apenas tem
dezoito anos... tem crescido muito nestes últimos
tempos; assim se explica o seu enfraquecimento mo-
mentâneo.

— Pois é minha opinião que o médico se engana a
respeito da doença do rapaz. E vou dizer-te porquê:
ainda há pouco, vindo da oficina, eu atravessava o jar-
dim, quando vi Oliveiros assentado a sombra do ca-
ramanchão, parecendo absorto numa triste meditação;
tinha o olhar fixo e o rosto banhado de lágrimas. Ao
ver-me, ele esforçou-se por enxugar furtivamente os
olhos. No rosto pintava-se-lhe o sofrimento moral; era
fácil de adivinhar que a sua doença não era puramente
física. «Oliveiros, lhe disse eu, a causa da sua doença
não é a que diz o médico. E' algum grande desgosto...
Porque não no-lo diz?... Meu marido estima-o como
pai: porque lhe não confia os seus pezares?...» Ele
pareceu tão surpreendido como apoqueado com as
minhas palavras. As suas respostas embaralhadas não
eram sinceras; atribuiu o seu desgosto ao isolamento
em que vivia, sem família...

— Admira-me essa resposta de Oliveiros... Tantas
vezes nos tem manifestado em termos calorosos o seu
reconhecimento pelas nossas bondades!... Nós fazia-
mo-lo esquecer, dizia ele, a sua desgraçada condição
de orfão; nunca lhe faltaram os nossos cuidados e
desvelos.

— E' claro que ele me dissimula a verdade, meu

amigo. Eu falei-lhe então da família. Ele ficou satis-
feito com este assunto de conversa, vendo sem dúvida
nele um meio de se esquivar às perguntas que de mim
tinha; deu-me algumas informações a respeito dos
pais. Disse-me também que as suas recordações mais
remotas chegavam até quando tinha sete anos; há uns
dez ou doze anos. Ele lembrava-se de que seu irmão
Maurício usava o uniforme das guardas francesas e
vinha muitas vezes a casa da mãe, uma pobre operária
bordadora.

— Não há dúvida! exclamou João Lebrén, cada vez
mais admirado. Interrogando mais as minhas recorde-
ções, bem confusas, porque eu era então uma criança,
creio lembrar-me agora de que o sargento Mauricio,
que era recebido em casa como noivo de minha irmã,
e a quem eu vi algumas vezes, se parecia efectiva-
mente com Oliveiros.

— Portanto, meu amigo, não é para admirar que
Vitória, revendo, por assim dizer, Mauricio no jovem
Oliveiros, tenha cedido contra a vontade, à reparação
dum sentimento que tinha sempre tido tanto império
no seu espírito... E' um sentimento extraordinário,
contra o qual Vitória se revolta em vão, por mil ra-
zões, entre as quais avulta a diferença de idade entre
ela e Oliveiros; pois que Vitória, a pesar de ser ainda
jovem e em toda a força da beleza, podia contudo ser
mãe do pobre orfão. A do-nça que estiola o pobre ra-
paz não pode ter outra causa senão um segredo e louco
amor pela nossa irmã Vitória.

Estas palavras de Carlota, juntas a lembrança de
várias circunstâncias até então insignificantes para ele,
trouxeram a convicção ao espírito de João Lebrén.
Ele ficou primeiro acobalhado sob o peso destas re-
velações, cujas funestas consequências já previa, e
disse à mulher:

— Ah! Carlota! que desgraças antevejo desde já, se
são fundadas as tuas suspeitas... e eu creio também
que o são.

— As minhas suspeitas são muito fundadas, meu
amigo. Assim se explica a tristeza da nossa pobre in-

mã, e as angústias cuja causa não percebíamos! Ah!
a sua tristeza provém da luta travada entre o bom
senso e o arrebatamento dum paixão singular e apa-
rentemente incompreensível. Todavia pode-se conce-
ber que tendo o seu amor por Mauricio sobrevivido à
morte deste último, tenha podido essa paixão reflec-
tir-se neste mancebo que é a perfeita imagem do ir-
mão ausente. Emfim, nada é também para extranhar
que Oliveiros tenha sido atraído para tua irmã pelas
provas de interesse que ela lhe dava, pela nobreza do
seu carácter... e que ele se tenha apaixonado por ela.
Este amor, que ele julga ocultar a todos, este amor
que ele certamente nem ousa confessar a si próprio,
julgando que nunca será correspondido, este amor
consoante o e levá-lo há talvez à sepultura.

João Lebrén esteve alguns instantes silencioso e
depois prosseguiu:

— O caso é tão melindroso que eu nem me atrevo
a falar nele a minha irmã, a pesar da minha confiança
na



ASPECTOS SOCIAIS

A LUTA PELA VIDA

Luta pela vida: eis a última palavra da filosofia burguesa, eis a frase ambígua com que a burguesia tenta dar base científica ao seu sistema de sociedade, bem como justificar ante a sua própria consciência e fazer aceitar pelas massas a sua dominação.

Vale a pena despendar a este respeito algumas palavras.

É um facto geral e incontestável que cada indivíduo cada espécie animal vive e prospera à custa de outros indivíduos e outras espécies. As necessidades da alimentação e do alojamento, assim como as rivalidades suscitadas pelo instinto reprodutor, fazem desse facto, por Darwin chamado a luta pela vida, uma lei inexorável fora da qual parece impossível o desenvolvimento, a existência mesmo do mundo orgânico.

Disto não deriva, porém, a necessidade da luta entre todas as espécies e entre todos os indivíduos de cada espécie. Pelo contrário, observa-se amiúde na natureza a cooperação, a associação para os fins da vida — conservação máxima do indivíduo e reprodução da espécie — entre os vários indivíduos duma mesma espécie ou até entre espécies diversas. E as mais recentes e autorizadas investigações biológicas tendem a demonstrar cada vez mais que a cooperação (que é afinal a prática do instinto social, desenvolvendo-se também sob o impulso da necessidade e da utilidade verificada) é uma condição de prosperidade e de progresso, para os indivíduos e para a espécie, bem superior à luta insulada de um contra todos.

Em suma, a vida é a resultante dos dois princípios de luta e de cooperação, que de mil modos se entrançam, defrontam e completam. E a cooperação representa indubitavelmente um estágio mais avançado de evolução, que garante às espécies e aos indivíduos, que o atingirem, um progresso maior e uma superioridade relativa.

O homem saiu do estado de animalidade bruta, de que temos ainda restos nas tribus selvagens, precisamente porque nele se desenvolveram mais fortemente os instintos sociais e porque a associação para a luta contra as outras espécies animais e contra os elementos hostis da natureza substituiu em maior ou menor proporção a luta instintiva entre homem e homem. Mas como a evolução só pode ser gradual e não se podia passar de um salto do insulamento, do egoísmo brutal à solidariedade, assim a associação não foi livre, não foi entre iguais; manifestou-se primordialmente sob forma de opressão, de exploração exercida pelos mais fortes sobre os mais fracos. Foram os fortes que, tendo verificado ser possível tirar maior proveito de outro homem sujeitando-o em vez de o matar, instituíram a escravidão. E assim do egoísmo absoluto, do desejo do proveito, pouco a pouco temperados por aquele prazer da convivência, aquele sentimento de simpatia, cujo primeiro fundamento se deve provavelmente buscar na atracção sexual e nos sentimentos de família, nasceu o primeiro passo que a humanidade deu no caminho da sociabilidade.

Mas o pecado original, o lucro do homem sobre o homem, persistiu; e é ainda hoje a causa da luta aberta ou latente que se trava no seio da humanidade: constitui, hoje como no passado, o fundo da chamada questão social.

A opressão e exploração praticadas pelos fortes excitaram naturalmente nos oprimidos a necessidade da revolta, e neste sentimento achou novo estímulo, novo fundamento, o princípio de simpatia, de fraternidade, de solidariedade.

Numa palavra, no meio do fervor da luta, entre o contraste dos interesses, e as alternativas de vitória e de derrota, puderam desenvolver-se certos sentimentos necessários para se tornar possível a coexistência social, úteis ao mesmo tempo aos oprimidos e aos opressores, os quais, tendo sido a princípio produzidos pela simples verificação da utilidade, fizeram-se depois hábito, necessidade psicológica. E constituem esse fundo comum de sentimentos humanos, que é a mais bela conquista, a característica da humanidade; que a pesar dos obstáculos e das mil razões de ódio, se vai sempre enriquecendo e alargando, e forma a mais

segura garantia da vitória do socialismo, que é a exclusão total do seio da humanidade da luta inter-humana e o triunfo completo da solidariedade.

Os oprimidos insatisfeitos do jugo, os rebeldes de todas as épocas e de todos os países sempre sentiram, mais ou menos conscientemente, esta necessidade de solidariedade, insurgindo-se sempre em nome dum princípio superior de justiça, duma concepção mais larga da solidariedade humana. Mas este princípio de justiça continuou a ser sempre um desejo abstracto, vago, puramente sentimental; nunca, antes do socialismo, se incarnou numa concepção prática da sociedade, que tornasse verdadeiramente possíveis a justiça e a solidariedade. E por isso as revoluções, mesmo triunfantes, jamais realizaram o sonho de justiça dos combatentes e, no seu desenvolvimento, voltaram sempre para o ponto de partida, isto é, em direcção às instituições derribadas, tornando necessárias novas revoluções.

A burguesia, no seu período heróico, quando ainda se sentia parte do povo e combatia pela emancipação, teve impulsos sublimes de amor e de abnegação; e os melhores entre os seus pensadores e os seus mártires tiveram a visão quasi profética desse futuro de paz, de fraternidade, de bem-estar, pelo qual combatem hoje os socialistas. Mas se o altruísmo, se a solidariedade existia no sentimento dos melhores, o caruncho do individualismo (no sentido do indivíduo em luta contra o indivíduo), o princípio da insolidariedade e do proveito do homem sobre o homem estavam no programa burguês e não podiam deixar de produzir os seus malfélicos efeitos. A propriedade individual e o princípio de autoridade, sob as novas formas de capitalismo e de parlamentarismo, entravam nesse programa e deviam como sempre conduzir à opressão, à miséria, ao embutecimento das massas.

E agora que a evolução capitalista e parlamentar produziu os seus frutos, e que a burguesia, esgotada na prática da concorrência económica e todos os impulsos progressivos, se acha reduzida a defender com a violência e com o engano os seus privilégios, e trazendo a campo, fora de propósito, a lei da concorrência vital é que os seus filósofos sabem, podem defendê-la dos ataques do socialismo.

Insensatos! Se a humanidade houvesse de voltar às suas origens e aceitar o princípio do «cada um por si», estaria então vencido o socialismo, mas estaria também destruído todo e qualquer vestígio de civilização, e entre mortandades e devastações regressaríamos ao estado selvagem.

E este regresso seria afinal a consequência última do sistema burguês. Com efeito, se o interesse individual tudo domina, por que razão haveria um de poder esmorecer o próximo servindo-se da sua posição económica, e não haveria outro de poder fazer uso da sua força ou da sua astúcia para matar, para esturpar, para calcar e oprimir de mil maneiras a personalidade humana?

E pois que é desde já indubitável que o regime burguês se esfacela, que as massas estão cansadas e conscientes da sua situação e que um dia ou outro a revolução irromperá em todos os países civilizados, o socialismo, que é o amor e a fraternidade substituindo o ódio e o insulamento, não só liberta e eleva os oprimidos, mas salva e levanta os próprios opressores. Só graças aos objectivos claros e aos generosos sentimentos que ele espalha no meio do povo é que a destruição do regime burguês não degenerará em morticínio inútil como feroz, não correrá o risco de se transformar num movimento inconsciente e selvagem, início dum espantoso regresso.

Sim, insensata na verdade, essa classe que em véspera de ser derribada e vencida apela para os sentimentos selváticos e zomba dessa generosidade, desse largo sentimento de solidariedade humana, que há-de ser amanhã a sua condenação como classe, sim, mas há-de ser também a única esperança de salvação pessoal para os seus membros.

Errico MALATESTA

Luta de classes

O movimento dos operários da Litografia Sousa & Filho

PORTO, 15.—Há precisamente onze semanas que os operários litógrafos da firma Inácio de Sousa & Filho, iniciaram o seu movimento, pugnando, com a mais indistincta justiça, pela equiparação de salários.

A pesar de tão longo tempo de luta, esta vem-se mantendo com uma altivez e uma solidariedade inquebrantáveis, merecendo da parte das demais classes operárias organizações, um acrisolado carinho e uma atenção justificada.

É certo que os movimentos de reivindicação em que a classe litográfica do Porto se tem, por vezes, envolvido, são de longa duração, porém, tudo leva a crer que o actual movimento de equiparação de salários será de duração interminável.

Por aqui se adivinha a tempera da grande maioria dos industriais de litografia, espíritos retrógrados e mesquinhos e caracteres reacçãoários e amolados ao desfeite.

Todos os operários litógrafos se preparam para a luta, conscientes do seu prolongamento, tendo já a associação de classe tornado interdita aquela oficina. Todos os litógrafos do país estão ao facto desta resolução.

Elevado número de grevistas se tem colocado em outras oficinas por alguns dos quais muito suspiravam os srs. Souses, tendo sido feitas inúmeras tentativas por intermediários daqueles exemplares benfeitores. Os que se acham em luta estão a receber o subsídio de três dias semanais.

Dura esta greve há 11 semanas, e, até hoje, têm sido distribuídos subsídios na importância aproximada de 17.000\$00.

O inegável gesto de solidariedade mantido, sem desfalecimentos, por parte dos litógrafos que trabalham, retirando dos seus salários um dia por semana, demonstra claramente quanto consciente união anima todos os componentes da indústria litográfica do Porto. Podem os srs. Souses persistirem na sua malévola estupidice, que a classe dos litógrafos compreende bem qual o caminho que tem a seguir.

Na oficina apenas, fazendo dela alarque, trabalham o Delíe Fernandes, um autêntico vigarista, vindo de Lisboa para traír o movimento, e o Damão Gamelas, traidor de índole. Com alguns auxiliares — um chapelão, um encadernador, etc. — aqueles tarfulos procurando ser agradáveis aos seus senhores e donos, julgam fazer perder um movimento que está enraizado em todos os litógrafos do país.

Patifes de tal jaez, só o desprezo merecem. O Delíe Fernandes, enclausurado na Basílica de Malmerendas, serve-se do Damão Gamelas, para suprir certas necessidades, e consta que este caso se dá, vice-versa. —E.

Os Manufactores de Calçado e a baixa de salários

Pretender reduzir os salários precisamente na ocasião em que os preços dos géneros necessários à manutenção da vida sofrem elevação no seu custo, representa, além dum flagrante absurdo, um enorme escárnio que se atira à face dos trabalhadores.

É o que está sucedendo neste momento com os manufactores de calçado.

Animados dum forte espírito de oposição aos legítimos interesses da classe, os senhores obreiros pretendem — alguns já o conseguiram — efectivar uma redução dos preços de mão de obra estabelecidos na tabela de 1924 imposta e conquistada pela Associação.

Os factos que eles apresentam, e pelos quais pretendem justificar a sua intenção, são de sua exclusiva responsabilidade, que terão que ser portanto derimidos entre si e nunca solucionados à custa duma maior miséria dos manufactores de calçado.

É necessário pois que todos os manufactores de calçado, ameaçados por tão criminosos exploradores se compenem na gravidade da situação.

Ela é tanto mais grave quanto é certo que, além das consequências imediatas que determina, a perigosa repercussão que inevitavelmente terá no futuro, que estabelece uma dolorosa expectativa de pior e mais complicada situação económica.

O ataque à tabela que os obreiros estão efectuando só tem explicação pelo enorme desejo que os anima de estabelecerem o princípio de que a mão de obra seja paga segundo a sua vontade, de maneira a melhor satisfazer as suas criminosas ambições.

Cada um pagaria como quisesse permitindo-se proceder imperativamente e tiranicamente, tripudiando sobre a classe reduzindo-a assim à mais desastrosa impotência.

O sistema da igualdade de salários pagos segundo a especialidade da obra e em conformidade com o estabelecido pelo sindicato, constitui uma das mais caras regalias que todos os esforços são necessários para se manter.

O industrial de sapataria à semelhança do restante patronato, é pela sua própria condição, despótico e pretencioso nas suas intenções, e muito mais o será se porventura não existir por parte da classe, uma forte barreira de forma a neutralizar o mais possível a sua corrosiva e pernicioso acção.

Portanto cumpre à classe se quer ver mais respeitado o seu direito à vida, lançar-se na luta sem excepção daqueles que ainda não foram atingidos por tão infeliz arbitrariedade, pósto que se ainda o não foram, o serão amanhã se um movimento geral não impedir que continuem tão anormal situação.

Assim o compreende a associação, assim o compreendem todos os que pensam que o direito à vida só será durador e proficuamente respeitado pelo patronato, quando o trabalhador puder inteiramente de parte as suas esperanças no esforço alheio, e o reivindique pelo seu próprio esforço.

José Francisco MOEDAS

A greve dos mineiros ingleses

LONDRES, 15.—Tendo terminado a greve, os mineiros que ainda não regressaram ao trabalho estão gozando já dos benefícios da lei de protecção aos desempregados.

Por este motivo os respectivos registos apresentaram na semana passada um aumento de 10.000 homens.

O número dos desempregados é actualmente de 1 milhão e 506 mil. (L.)

ACTIVIDADE SINDICAL

O movimento internacional do operariado da construção civil

Relatório do delegado da Federação Portuguesa que foi a Lyon participar de várias reuniões importantes

A's Federações da Construção Civil de Alemanha e Holanda foi-lhes dada pela A. I. T. a incumbência de se constituírem em comissão organizadora duma conferência internacional pró-constituição da respectiva Federação da C. Civil. A Federação da C. Civil de Portugal, ao receber o convite para tomar parte nos trabalhos da referida conferência, resolveu, cumprindo as resoluções do seu último congresso, dar a sua adesão a tão importante iniciativa; mas, devido a dificuldades financeiras, era-lhe impossível o envio de um delegado, porém, passados dias, recebeu-se o seguinte officio da Federação da Construção Civil de França:

«Fédération National des Travailleurs de l'Industrie du Bâtiment et des Travaux Publics de France & des Colonies.

A' Federação da Construção Civil de Portugal.

«Caros camaradas:

A Federação Nacional da Construção Civil de França, 33, Rue de la Grange-aux-Belles, Paris, decidiu a realização dum congresso extraordinário para 13 e 14 de Novembro de 1926. Na ordem do dia deste congresso figura a questão da orientação sindical, porque desde que tomámos a nossa autonomia provisória em face de todos os partidos políticos, ficando nós em face das duas centrais — Amsterdam e Moscou — travou-se uma luta sem piedade, e isolados, sem ligação com os outros sindicatos autónomos do País, vemos que alguns camaradas perdem a coragem, que outros emigram para os grandes centros, e por este facto os sindicatos desaparecem, resultando a satisfação do desígnio dos partidos políticos.

«Em face disto, o Comité Nacional que se reuniu em Julho de 1926 decidiu fazer o exame da situação, saber se deveríamos constituir um organismo de ligação de todos os sindicatos autónomos sobre a base do Sindicalismo Revolucionário.

«Os nossos sindicatos, por grande maioria, decidiram fazer este exame e que seria da máxima urgência que a estes debates assistiam delegados das Federações da C. Civil pertencentes aos diferentes países, para trazer aos nossos camaradas os conselhos da experiência dos partidos políticos.

«Não ignorais com certeza que vamos fazer publicar no nosso jornal *Le Travailleur du Bâtiment* os estatutos que recebemos respeitantes à constituição duma Internacional dos Trabalhadores da Construção, e por consequência também para este assunto os vossos conselhos ser-nos-iam indispensáveis para a discussão.

(Continua.)

Os fins e as intenções do Comité Pró-presos por Questões Sociais

O Comité Pró-presos por Questões Sociais pede-nos a publicação do seguinte esclarecimento:

«A pesar das bases em que assenta este Comité terem sido publicadas no jornal *A Batalha*, mas como possivelmente muitos não se recordam das mesmas, resolveu este Comité esclarecer mais uma vez todos os trabalhadores, duma forma clara e insofismável, quanto à sua missão que logicamente lhe está determinada.

Se bem que a sua constituição, dentro das actuais bases, seja apenas desde Fevereiro do corrente ano, já existia, havia alguns anos, uma Comissão Pró-presos que fazia parte integrante da antiga U. S. O. a qual prestava contas da sua acção.

Sucedeu que essa comissão era constituída por delegados de vários sindicatos que para ela contribuíam com uma cota mensal. Por circunstâncias que nós desconhecemos, esses delegados foram abandonando a cidade, deixando, tendo ficado apenas um componente, originando esse facto o deixar de ser feita a respectiva cobrança das cotas aos organismos, e com esse abandono e falta de acção só os presos eram prejudicados.

Dá-se também a circunstância da C. G. T. ter em determinada altura suspenso o subsídio aos presos confederados, por falta de verba e ainda por não poder prejudicar mais o seu funcionamento pela elevada quantia que dispndia para os mesmos.

Foi então que uma comissão composta por camaradas sindicalistas revolucionários e anarquistas fez um convite a vários organismos sindicais de Lisboa e à Federação da Juventude e respectivo núcleo, como também a vários militantes revolucionários libertários, para assistirem a uma reunião com o fim de apreciar a situação dos presos sociais.

Nessa reunião, que teve lugar no dia 7 de Fevereiro, com a comparência dos delegados de organismos e militantes atrás citados, foi apreciada devidamente a precária situação económica dos presos e a impossibilidade da C. G. T. naquele momento poder manter o subsídio aos presos confederados e mesmo que tal não sucedesse havia a situação dos presos não confederados que mereciam da mesma forma toda a solidariedade dos trabalhadores, e visto a antiga Comissão Pró Presos não poder desenvolver a sua acção por falta de elementos, foram por unanimidade aprovadas as bases em que assenta este comité e nomeados os respectivos componentes com a missão de desenvolver uma intensa propaganda entre todos os trabalhadores, no sentido de se prestar uma maior solidariedade monetária aos presos e cuja solidariedade deveria ser prestada a todos os presos que tivessem praticado quaisquer actos em defesa das liberdades proletárias e de que algum modo visassem uma acção no sentido de se feita a sua emancipação.

Não houve da parte dos que à reunião assistiram, nem deste Comité, tem havido, espírito de seita ou de grupo, visto a soli-

dariedade ter sido prestada a todos os presos sociais de facto, quer sejam comunistas, anarquistas ou sindicalistas.

Foram e são, portanto, claros os seus fins e francas as suas intenções.

Não existe por parte deste Comité, nem dos que o nomearam outras intenções a não ser as de desenvolver uma vasta propaganda com o fim de obter uma maior receita para atenuar um pouco o sofrimento moral e monetário dessas vítimas e suas famílias.

Embora alguém pretenda, por conveniência de tendência, acusar este Comité de ser também animado da tendência anarquista, este porém é absolutamente livre das mesmas, é apenas animado de espírito libertário e procura por todos os meios ao seu alcance minorar o sofrimento das vítimas do Estado opressor, que alguém pretende defender se bem com outro rótulo. Não se preocupa este Comité com outros organismos que se intitulem com fins de solidariedade, sem tendência, entende, este não estabelecer discussão, visto que a sua constituição obedeceu apenas à imperiosa necessidade de prestar um auxílio justo às vítimas do capitalismo e do Estado, não tendo outros intuídos senão cumprir fielmente a missão de que foi incumbido.

Também afirma este Comité, que foi criado com o apoio da maioria da organização sindical e que com ela tem mantido as mais amistosas relações e que continuará mantendo, visto ela ter aprovado a sua constituição e não tendo os seus objectivos sido desviados nem anulados as causas que originaram a mesma, reconhecendo-se ainda mais a necessidade da sua existência com maior esfera de acção.

E foi dentro desse espírito que se iniciou a propaganda e se tem realizado trabalhos para a realização de conferências, das quais deverá sair um organismo nacional e que terá o melhor acolhimento entre a maioria dos trabalhadores que duma forma admirável tem sabido corresponder com a sua solidariedade.

Este Comité constata que alguns sindicatos que assistiram à reunião onde o mesmo foi nomeado e que por eles foi aprovada a sua constituição, tenham agora tomado atitude contrária, resolvendo não tomar parte nas conferências atrás citadas, aprovando documentos contraditórios à sua anterior posição. Acção esta desenvolvida por elementos, certamente, afins a organismos de tendência.

Contudo este Comité não desanima e confia inteiramente no espírito de liberdade de que é possuído o proletariado do país, uma das fortes razões para que continue a contribuir monetariamente para os presos, e não deixará deturpar as suas honestas intenções. —O Comité Pró-Presos por Questões Sociais.

—Foi entregue a este Comité a importância de 982\$75, produto de uma subscrição aberta pelo jornal *A Comuna*.

O caso do Reformatório de Caxias

No Instituto de Medicina-Legal realizou-se ontem a autópsia no cadáver de Custódio Gonçalves Meira Junior, aquele guarda do Reformatório em Caxias que, há dias, ali foi ferido a tiro por um ex-internado, vindo a falecer no Hospital de S. José, dias depois.

O seu funeral realizou-se hoje, saindo da Morgue, pelas 12 horas para o cemitério Oriental.

Vida Sindical

Comunicações

Pessoal do Município.—Reuniu a comissão administrativa que resolveu iniciar umas sessões de propaganda nos diferentes bairros da cidade, tendente a levantar o espírito da classe. Deliberou officiar às secções da Construção Civil do Alto do Pina e de Palma de Baixo, a fim-de de primeiros dias de janeiro se dar ali início às referidas sessões.

Comissão de melhoramentos.—Aprecia um officio dimanado do presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal sobre as certidões de idade e registo criminal. No mesmo confirma as suas declarações feitas à comissão que o entrevistou e que se resumem no seguinte: a Câmara não prescinde das certidões.

A comissão de melhoramentos chama a atenção da classe para a prorrogação do decreto sobre o bilhete de identidade, até março próximo, não devendo o pessoal, à face da lei, ser obrigado a apresentar a certidão de idade até 31 de dezembro, como a Câmara exige.

—São convidados todos os cobradores que estão em débito a virem, no prazo de 8 dias, prestar contas e apresentar os verbetes na última semana deste mês. Aqueles que o não façam não podem levantar expediente.

—Pede-se a todos os camaradas que tenham em seu poder livros da biblioteca que os entreguem com brevidade a fim-de regular o funcionamento da mesma.

Sobre solidariedade ficou assente que o subsídio para Luís José de Abreu será de 25\$00 semanais, que lhe serão entregues pessoalmente por um membro da comissão administrativa, e em face da impossibilidade de se lhe prestar maior solidariedade monetária fixa, resolveram os corpos gerentes e alguns militantes cotizarem-se até perfazer a quantia de 100\$00 para acudir às necessidades mais instantes do referido camarada.

Profissionais culinários.—Reuniu em Assembleia Geral, no dia 14 do corrente, a classe dos profissionais culinários que, além de vários expedientes e outros assuntos de interesse para a colectividade apresentadas pela Direcção e dos quais a assembleia se inteirou depois de varia discussão, procedeu à eleição dos novos corpos gerentes para 1927, sendo eleitos, os seguintes camaradas:

Direcção: Presidente, Clemente Porcio; Vice-presidente, Matias Rodrigues; 1.º secretário, Angelo Fernandes Vidal; 2.º secretário, Daniel Gonzalez Garrido; Tesoureiro, Emilio Peleteiro; vogais, Jaime Alonso Esteves, Benjamin Gonçalves, José Maria Ferreira Rodrigues, Ramiro Migueis e Albert Müller.

Comissão de Trabalho: Jean Charles Moulinier, Domingos Taboas, Francisco Teixeira, José Pereira Amil e André Ribeiro Passos.

Comissão Revisora de Contas: Celestino Sarnado, João Manoel Mendes Romero e Manoel Vilas.

Convocações

REUNEM HOJE:

Federação de Transportes Marítimos e Fluviais.—Pelas 20 horas, o Conselho Geral.

Maquinistas Mercantes.—Pelas 17 e meia horas, assembleia geral, para eleição de corpos gerentes, nomeação de um delegado e outros assuntos.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Secção de Belém.—A assembleia geral, pelas 21 horas, para nomeação da comissão administrativa para 1927 e da comissão revisora de contas de 1926, e discutir assuntos diversos.

Sindicatos da provincia

Mineiros de São Domingos.—Reuniu no pretérito domingo, a assembleia geral deste organismo, comparecendo um regular número de operários e resolvendo coadjuvar a acção do «Grupo União e Progresso», recentemente reconstituído, que se propõe estudar e propagar as ideias modernas e que não tomará tendência ideológica sem a ter convenientemente estudado. Em breve será inaugurada a bandeira sindical dos Mineiros, acto precedido de uma sessão de propaganda, representando em seguida o U. P. duas peças teatrais de carácter social. —Foi nomeada a nova direcção, a comissão de Solidariedade e a comissão da Biblioteca. Na direcção foram substituídos o secretário geral, tesoureiro e um vogal. Todos os membros da comissão de Solidariedade foram substituídos, sendo reeleitos os membros da Biblioteca. Foram tomadas outras resoluções de carácter administrativo. Do expediente lido constava um officio da Empresa da Mina dizendo o seu gerente «sentir muito ser impossível» autorizar a ligação de um cabo para a instalação eléctrica na sede do Sindicato «aos fios condutores que passam um metro acima dos telhados do edificio onde os operários estão reunidos».

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa.—Este núcleo convidou os jovens que ainda não se inscreveram na aula de militantes e educação mútua a que o façam pois que a mesma tem já início na próxima semana.

Solidariedade

A comissão que promoveu a festa de solidariedade ao operário Domingos Gonçalves solicitou de todos os organismos e indivíduos que liquidem imediatamente os seus débitos, na sede do sindicato de Manipuladores de Pão, calçada Castelo Branco Saraiiva, 42, 1.º.

—Os operários corticeiros de Abrantes, reunidos em assembleia geral, apuraram a quantia de 50\$00, que enviarão à sua Federação, a fim-de ser entregue a Silvério Santos.

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia

linguagem pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.*—R. dos Rozeteiros, 125—LISBOA.

At venda na administração do *A Batalha*.

O ROBUSTECIMENTO SINDICAL

A organização operária de Beja vai ressurgir

BEJA, 15.—As classes operárias de Beja estão na firme disposição de levantar, de novo, os seus organismos sindicais, que de há tempo, mercê de varias circunstâncias, se têm conservado numa situação de desánimo que muito as prejudica.

Beja, onde a organização teve, já, uma grande força, tão grande que todos a temiam e a respeitavam, vai, enfim, sair do marasmo em que se tem conservado, e continuar dispensando o melhor do seu esforço, toda a sua cooperação, à central do operariado.

Deste facto, é prova o entusiasmo e boa vontade com que varios militantes, aproveitando a estada dum representante da C. G. T., naquela cidade, se dispuzeram a trabalhar nesse sentido, nomeando, entre si, uma comissão de activos camaradas, na qual ficaram representadas todas as classes, para levar à prática, não só a reabertura da Casa dos Trabalhadores, sede própria, como, também, a reorganização da União dos Sindicatos Operários.

Essa comissão é composta por José Guerreiro Cambado e António Monteiro pelos manufactores de calçado, Alberto Rosa Lucas, pela Construção Civil, José Ribeiro, pelos Trabalhadores Rurais, Manuel Joaquim Velhinho, pelos Ferrovieiros do Sul e Sueste (núcleo), e António Balde e José Mendes Lima, pelos Empregados no Comércio.

Conta esta comissão fazer, brevemente, a reabertura da Casa dos Trabalhadores, promovendo uma sessão solene, onde será representada a C. G. T.

Oxalá estes camaradas vejam coroadas de êxito as suas diligências, para bem da organização operária, que tanto necessita dos esforços de todos os sinceros camaradas. —Especial.

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE